

Banqueiro não acha fundamental ir ao Fundo para começar negociações

CURITIBA — A volta do Brasil ao Fundo Monetário Internacional não é condição fundamental para que a comunidade econômica internacional mantenha um bom relacionamento com o País ou para que seja realizada a conversão da dívida em investimento: “o mais importante é que o Brasil adote um programa adequado para seu desenvolvimento. Tudo o mais é acessório”, disse ontem, nesta capital, o Presidente do Banco Montreal de Investimento, Pedro Leitão da Cunha.

O Montreal — coordenador da dívida brasileira junto aos bancos canadenses, e a quem o País deve US\$ 1,3 bilhão — foi o primeiro banco estrangeiro a oferecer ao Governo a possibilidade de converter a dívida em investimento. O Presidente do banco no Brasil, que ocupa também a Vice-Presidência do Montreal no Canadá, disse que existe uma disposição inicial de converter US\$ 100 milhões, mas que o Montreal aceita negociar posteriormente, desde que essa primeira experiência traga resultados favoráveis.

Enquanto aguarda para o mês de agosto — o mais tardar setembro — a divulgação das normas de conversão da dívida pelo Banco Central, o Montreal já está negociando com várias empresas:

— Damos prioridade, seguindo orientação do próprio Governo, a projetos privados voltados à exportação, como forma de atenuar as dificuldades brasileiras com o balanço de pagamentos, que são a raiz princi-

pal da dívida externa.

Leitão da Cunha esteve ontem em Curitiba proferindo palestra a convite do Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros. Aos mais de 150 participantes do encontro, ele disse que o Brasil deve manter um bom relacionamento com a comunidade financeira internacional, porque é parte do mundo ocidental e precisa “do intercâmbio cultural, financeiro e tecnológico com os países do Ocidente, para promover seu desenvolvimento e prosperidade”.

O Presidente do Montreal disse ainda que o banco está disposto a aceitar qualquer hipótese de conversão, do principal ou dos juros da dívida. Ele afirmou que prefere receber os juros, “mas se a conversão for parte de um programa geral que ofereça vantagens e compensações para os dois lados, aceitaremos incluir também os juros”.

O banqueiro fez questão de frisar que não coloca qualquer pré-condição para negociar, a não ser que “haja um tratamento equitativo, razoável para o País e para os bancos credores”. Ele reafirmou também, durante entrevista, que o mais importante é o Brasil adotar uma política econômica que garanta a estabilidade.

— Nos últimos anos a instabilidade tem sido marca da política econômica brasileira. Mas acreditamos que o Plano Bresser, desde que apoiado pelas forças políticas, tem condições de dar resultados — disse.